

O QUE APRENDEMOS COM A PANDEMIA



Lorena Ibiapina Mendes de Carvalho

- Residência médica e doutorado em anestesiologia pela Faculdade de Medicina de Botucatu (Unesp).
- Presidente da Sociedade de Anestesiologia do Estado do Piauí (Saepi).
- Médica anestesiologista plantonista do Hospital Getúlio Vargas e do Hospital e Maternidade do Satélite (Teresina, PI).

**“Quando tudo está perdido,
sempre existe um caminho.
Quando tudo está perdido,
sempre existe uma luz.”**

Via Láctea – Legião Urbana

O aproximar do fim de 2020 é o fechamento de um ciclo. Para cada um de nós, esse ciclo foi vivido de maneira particular quanto aos fatos, à experiência e aos sentimentos. E, com isso, imprimiu em nós uma marca que jamais será esquecida. Alguns adoeceram levemente, outros, gravemente. Alguns perderam pessoas queridas, outros assistiram à dor de um amigo. Alguns se aproximaram do olho do furacão, trabalhando sob condições difíceis e nunca presenciadas. Outros recolheram-se nas precauções e no medo por estarem em risco.

É fato que o tempo é relativo. Caminhamos a passos rápidos que o mundo contemporâneo exige, mas as pernas às vezes fadigam. A mente, por sua vez, pode trabalhar a nosso favor ou contra nós, acrescentando quilômetros de distância quando cansamos ou emanando uma força descomunal surgida não se sabe onde para que prossigamos. E quando se trata do tempo, a finitude pode se tornar uma eternidade. Momentos bons e ruins são, assim, impactados em nossas memórias, impregnados de sensações e até reações viscerais. Que sensações ficarão de 2020? Que lições aprendemos? O que levaremos de bagagem dessa viagem que nos levou do céu ao submundo da dor, do vazio, da insegurança?

Como anesthesiologistas, somos treinados para sermos “perfeitos”, de forma que nossas falhas podem acarretar um risco à vida ou produzir complicações graves e até irreversíveis. Somos treinados para planejar e realizar, sem erros, o que para os antigos se considerava uma “alquimia”. Com nossas poções e aparelhos e nosso conhecimento, enfrentamos toda sorte de intempéries, para proporcionar ao paciente deitado à nossa frente uma experiência tranquila e indolor. Sabemos que nossa ação não começa nem acaba ali, repercutindo bem depois do ato operatório.

Mas tudo que sabíamos foi, de certa forma, questionado. A começar pelo manejo da via aérea, difícil por natureza em suas nuances. Ao sermos recrutados para contribuir com pacientes afetados por um vírus de comportamento incerto, a mente balanceava entre oferecer cuidado ao próximo e ter medo iminente de se contaminar naquela complicada situação. De certa forma, se trabalhou o altruísmo. A cada vez que se vestiam a paramentação e mais uma peça entre nós e o perigo, ia-se desvestindo a alma dos medos, da insegurança, do “eu não posso”, “eu não vou conseguir” para vestir-se com a força insondável

de uma voz que dizia fraquinha: “você pode”, “você vai conseguir”, “faça tudo como você sempre fez”.

E aí, colocando-se completamente de lado, desfazendo-se da escolha da desistência, era preciso assistir, fazer valer a vida que dependia de nossas ações. E, dia após dia, aquelas intubações, aquelas anestésias e aquele manejo de sedação ou mesmo o cuidado intensivo com aquele ser que dependia de nós ficavam menos pesados e menos dolorosos. Sobressaíam o bem que era feito, a vida que era salva, o amor que se colocava naquele ato. Alguns pacientes nunca saberão o quanto lutamos por eles, mas o bem prescinde de reconhecimento, ele simplesmente é. Alguns pacientes que perdemos – às vezes colegas e amigos próximos –, onde estiverem, levaram de nós uma marca e deixaram em nós uma memória.

Num isolamento tão drástico, entretanto, pontes foram construídas. Pontes de bem, de doação, de amor, de amizade, de energia positiva entre pessoas que, por vezes, nunca se viram. Talvez porque o ser humano é social por natureza, não sobrevive na solidão. E, nas melhores sensações, carregamos o sentimento de que somos parte de algo maior: somos uma família. Assim, construímos várias famílias. A família do lar,

unida pelo sangue e pela vida; a família do trabalho, com quem comungamos plantões, casos e pacientes; a família social, com os amigos que o destino aproxima e mantém perto de nós. E, talvez, inúmeras outras famílias. Algumas delas mais efêmeras e que duram o instante de um contato no caixa de supermercado ou um olhar que cruza o nosso ao passar pela calçada.

Na nossa família da Sociedade Brasileira de Anestesiologia (SBA), o 2020 passou diferente. Os inúmeros cursos reagendados, congressos com calor humano cancelados, reuniões decisivas repensadas. Surgiu um mundo virtual, um mundo meio “zoom”, em que estávamos a quilômetros do norte ao sul do país,

**“Sobrevivemos.
Juntos. Vamos
ser gratos a isso.
Lembrar quem somos,
quem queremos
ser, perdoar
e ter compaixão”**

mas estávamos em sintonia. Presidentes de regionais foram ouvidos, dando capilaridade a pensamentos nem sempre uníssonos, mas sempre considerados e ponderados para cada realidade. Despontou o projeto Academia SBA, que leva conhecimento a todos na velocidade do wi-fi ou 4G disponíveis. Congressos reais deram lugar aos virtuais, com relevantes temas e debates. O calor ficou por conta do clima de cada lugar, mas estávamos juntos a cada nova empreitada.

Dentro da macrofamília da SBA, criou-se um microecossistema quase experimental chamado Núcleo do EU. Nele colocaram-se frente a frente, na distância de uma tela, 16 anestesiológistas de todas as idades e variadas regiões, com o objetivo de fazer o bem e ser feliz, para compartilhar suas experiências. Para esses 16 aventureiros o peso foi dividido, o ano passou mais rápido e um pouco mais leve. Nascido das preocupações que cerceiam o alto risco ocupacional do anestesiológista, o Núcleo do EU trouxe à tona a verdade que nunca estamos sozinhos. Aonde vamos, onde pisamos, trilhamos um caminho que, por vezes, é liso e florido ou se apresenta com obstáculos. Mas seguimos com nossos pares, nossos amigos, nossos quase irmãos de vida e de profissão, com um ideal

parecido. Você pode ter tido dificuldades, mas outras pessoas que viveram eventos parecidos podem dividir sua dor. Você pode se achar desorientado, mas seu colega ao lado está tão perdido quanto você. O importante é que existe esperança, existe fé, existe espiritualidade, e quando tudo isso parece distante, existe boa vontade.

Há muitas maneiras de seguir um mesmo caminho. A forma como escolhemos seguir, entretanto, é o que nos diferencia ou nos aproxima de certas pessoas ao nosso redor. Se 2020 nos ensinou algo ou, melhor, se aprendemos algo com 2020, com a Covid-19, com as tantas experiências que vivemos – cada um ao seu modo –, é que não importa o tamanho do seu problema, da sua dor, do seu temor. O que importa é quem está ao seu lado, real ou virtualmente. Com um pouco de equilíbrio, muita paciência, uma pitada de perseverança, tudo é possível. Sobrevivemos. Juntos. Vamos ser gratos a isso. Lembrar quem somos, quem queremos ser, perdoar e ter compaixão por quem nos fez algum mal, consciente ou inconscientemente. Não somos perfeitos, somos pessoas de boa vontade. Somos felizes. Simplesmente. Puramente. Incansavelmente. Felizes.



**ACESSE O
NOVO CANAL DE
COMUNICAÇÃO
COM A SBA.**

CLIQUE AQUI